

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Enderço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A República e a Santa Sé

Volta novamente ao tapete da discussão na Camara Federal o projecto de determinando a supressão da legação que o Brasil, por um desses absurdos de que é fértil esta república de conselheiros, ainda mantém, à custa do dinheiro do povo, junto à quadilha chefiada por S. S. Gotsa Pio X.

Não é esta a primeira vez que se tenta conseguir da camariha empoleirada da Cadeira Velha do Rio essa medida comprobatoria do espirito republicano da lei básica do pais, da qual se proclamam estrepitos defensores.

Anualmente essa questão é lá posta em cheque na occasião em que se discute o orçamento do Ministério do Exterior, caindo sempre a malfadada emenda por não conseguir reunir os votos liberalissimos dos representantes da República.

Esta vez a discussão deverá ser feita não sob a forma de uma emenda, mas de um projecto, acompanhado da respectiva justificação.

Apresentou-o o dr. Mauricio de Lacerda, um moço estudioso e de notavel intelligencia que o recente rodoinhar politicoeiro atirou para a Camara, quasi sempre composta de reverendissimas nulidades arvoçadas em legisladores.

Como será recebido esse projecto do dr. Mauricio, que, em forma de emenda, vem sendo apresentado todos os atos e atirado com um risozinho de desprezo para as picorentas prateiras do arjuivo da Camara? Quantos votos conseguirá ele?

Por ora não se poderá saber. Muito provavelmente terá a mesma triste sorte das emendas apresentadas pelo dr. Tomás Cavalcanti.

De uma República que não

teve a necessária energia de atirar para o monturo das coisas inúteis uma conselheira-da rançosa, vinda da monarquia tresandando à murrinha das cenizas e que a ela se agarrou como a ostra ao rochedo, de uma república onde os republicanos de facto constituem avis-rara, não se pode esperar um procedimento de acôrdo com os seus principios básicos.

E a Camara Federal actual não passa, apanhada no seu conjunto, de um albergue de individuos sem principios, sem ideias, de tipos que se dizem maçons e livres-pensadores e vão à missa, sajeitando-se a todas as ordens da padralhada.

Que se poderá esperar, pois, de tal gente? Nada. Salvo se receberem a senha de cima... Temos por isso quasi a convicção de que ainda este ano não será determinada a supressão da legação brasileira junto ao Vaticano.

E a República Brasileira, constitucionalmente separada da Igreja, continuará a ter um representante junto à sua sede, como se ela fosse considerada uma nação amiga!

Curiosa coerência republicana!

Tambem não temos p'raí um cardeal comprado republicaneamente por um bom cobre roubado aos cofres da nação?

Nada deve o povo livre-pensador esperar de cima, de governos e camaras de todos os matizes: nas suas energias está a consecussão dos seus ideais.

Agite-se com energia e incessantemente, que só assim se conseguirá pôr um dique capaz de impedir a terrível avassalagem do pais por parte da jesuitada vinda em bandos de toda parte e aqui recebida de braços abertos pela gente da dominação.

E do povo que deve partir o brado de alarma.

conventos e as escolas do clero, os factores principais do adiantamento de um povo, sendo justamente, embora digam o contrário os maldizentes, o confessionalário, a missa, o jejum, a prece e o abandono dos bens terrenos, assegurado está o seu engrandecimento.

Porto Seguro foi a primeira terra do Brasil onde há quatro séculos Cabral desembarcou, vindo os naturais do paiz admirar a magnificência dos subditos de D. Manuel, o Venturoso, os quais, uma vez entrados na casa alheia, portaram-se como todos nós sabemos, isto é, com toda a doçura evangélica de que são dotados os portadores da palavra de Cristo, o manso cordeirô de Deus.

Aj tambem foi dita a primeira missa pelo franciscano Henrique de Coimbra, a ela assistindo os, desde esta data, ex-donos da terra que certamente não podiam adivinhar o que os esperava mais tarde, e como eram gentis os seus hospedes...

Dizem que de comunistas e homens livres que eram passaram ao estado de escravos daqueles que eles julgavam amigos, datando dal o começo de coisas que os historiadores muito de industria apenas deixam entrever, mas que não são menos evangelicas do que as do tempo de Cortez quando este capitão conquistou para a Espanha as terras do México.

Se o governo da Baía quer dar uma lição de mestre ao civilismo, se pensa engrandecer a terra de Castro Alves e de Severino Vieira, e colocar-se ao lado do sr. arcebispo, apoiando-o e pedindo ao nosso presidente que por intermédio do ministro da República católico-brasileira junto à Santa Sé tambem peça a S. Santidade a segregação do novo bispo.



Vinde, vinde, ó santa gente, que aqui vos espera, de braços abertos, um bando de jesuitas como vós, cobertos com o barrete fçgio e vestidos de batina.

Estou com Bruno Lobo que disse, quando fez a sua conferência no Gremio, ser na opinião de todos o povoamento do solo o maior problema a resolver-se no momento actual, sendo justamente a Igreja o melhor agente de que pode lançar mão o governo para esse fim.

Ora, mandem para Porto Seguro algumas grossas de reverendos amigos do Couceiro e outros e verão como eles dão conta da incumbência. Em pouco tempo a vila será elevada à categoria de cidade, resultando dal o maior proveito para todos nós brasileiros, ao mesmo tempo que seria a confusão para sempre dos ateus e demais inimigos que infestam esta terra.

Erga-se a nova catedral, multipliquem-se as freguezias, construam-se enormes e confortáveis conventos para residência dos servos e servas do Senhor, chamem-se para esta bemaventurada e amada terra todos os inocentes perseguidos de França, de Portugal e das Filipinas, entreguem-se-lhes as terras vizinhas e circunvizinhas, conceda-se aos da Companhia de Jesus todos os privilégios e honras a que têm direito e verão se em pouco tempo haverá sobre o orbe terrestre nação mais ditosa e invejada!

Manes dos Tupinambás, manes dos Tupiniquins, ó vós que tantos benefícios recebestes daqueles que vos abriram as portas do paraizo onde hoje tão bem vos achais, protejei os descendentes dos vossos antigos salvadores!

Adreçal.

Rio, 2-7-912.

Pias mentiras

A imprensa clerical - a «Bos Imprensa» - falou ultimamente do papa Lino, santo e martir, primeiro sucessor de S. Pedro. Da santidade, martirio e vida desse papa pouco se sabe, mas isso não embaraça os bons inventores de fábulas e historietas.

Imagine-se que até desenterraram um busto autentico do illustre desconhecido!

E pera maior prova de autenticidade, o referido busto veio com uma tiara enfiada na cabeça, com três fileiras de coroas.

Verdadeiro milagre, sem dúvida, pois tendo o martir S. Lino sucedido a S. Pedro si pelo ano 67, só no ano 700 é que a tiara foi adotada (João VII) e só em 1360 é que ela começou a ter três fileiras de coroas.

Madrid, 29 - Partiram para o Brazil numerosos sacerdotes, que aqui se achavam refugiados desde a proclamação da República Portuguesa.



Vinde, vinde, ó santa gente, que aqui vos espera, de braços abertos, um bando de jesuitas como vós, cobertos com o barrete fçgio e vestidos de batina.

Bíblia vermelha

A exploração capitalista e assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da maquina. De facto, esta, na permanente passividade da matéria, e conservada pelo dono, impõe-lhe constantes resguardos no trabalho integral e brandido, corrigindo-lhe os desarranjos; e quando morre - digamos assim - fulminada pela pletoia de força de uma explosão, ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, origina a magua rrial de um desfalque; a tristeza de um decréscimo de fortuna, o luto inconsolável de um dano. Ao passo que o operário, adstricção a salúrios e cascos demais à sua subsistência, é a maquina que se conserva por si, e mal; as suas dores recalca-as, forçadamente estoico; as suas moléstias que por uma cruel ironia crescem com o desenvolvimento industrial - o foforismo, o saturnismo, o hidrargirismo, o oxocarbinismo - cura-as como pôde, quando pôde; e quando morre, afinal, as vezes subitamente triturado nas engrenagens da sua sinistra sócia mais bem aquinhoadá, ou lentamente esverdeado pelos saiz de cobre e de zinco, paralisico e delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos do mercúrio, asfixiado pelo oxido carbónico, ulcerado pelos causticos dos pós arsenicais, devastado pela terrível embriaguez petrólica ou fulminado por um coup de plomb - quando se extingue, ninguém lhe dá pela falta na grande massa anónima e taciturna, que encurra todas as mankás a portas das officinas.

Euclides da Cunha.

Cristo que é?

Personagem histórica? - louco? heroi lendário?

(Reflexões dum leitor de «La Libre Pensée»)

Os evangelhos não preenchem o primeiro requisito.

O livro que tenho diante de mim, dizem-mo os hierógrafos e os teólogos, não passa de uma reimpressão de reimpressão, é uma traducção de cópias de cópias cujos originaes para sempre se perderam. Este texto francês, bárbaro, arcaico, ingénuo, é uma traducção do latim, da «Vulgata», traduzida por sua vez do grego, de obras gregas das quais os exemplares mais antigos não remontam além do século VIII.

No principio, não havia pontuação, nem versículos, nem capitulos. Tudo isso foi introduzido depois.

A lingua era incorrecta, impura, obscura. Com notas marginaes, os escribas completavam ou comentavam o texto. Com o andar dos tempos, essas notas foram intercaladas no próprio texto, que se harmonizou com a gramática. Introduziram-se narrações inteiras, como a de Cristo e a

pecadora, que não se acha nos mais antigos documentos.

Há mais. Uma pequena nota, no começo do livro, informa-me de que as passagens em itálico não figuram no texto original, que foram nele introduzidas para tornar este mais intelligivel! E' um facto grave. (Suprimindo-se o itálico, obtêm-se às vezes coisa inteiramente diversa e não intelligivel.) Finalmente, as diversas edições bíblicas apresentam variantes sensíveis, sobretudo na expressão dos principios morais ou religiosos.

Conclusão: Os Evangelhos actuais não são autênticos. Foram retocados, interpolados, corrigidos. O texto original perdeu-se.

H

Os Evangelhos não satisfazem a segunda condição.

Os Evangelhos estão escritos em lingua grega; os seus supostos autores falavam o aramaico. Os paleógrafos dizem-nos que, sob os reinados sucessivos dos caldeus, dos persas, dos gregos, dos selúcidas, os povos estabelecidos entre o Eufrates e o Mediterraneo fundiram-se, intellectualmente falando, passando a usar uma só e mesma lingua literaria e commercial, o aramaico, perfeitamente compreendida tanto pelo escriba de Jerusaleim como pelo de Damasco, de Palmira, de Tyro, de Baalbeck ou de Antiochia, com poucas diferenças, na época romana.

A Siria e a Assiria foram, após o reinado de Alexandre, um campo de encontro, o grande laboratório philosophico em que as doutrinas grega, egipcia, semitica, persica e indu vieram chocar-se, depois confundiram-se nessa síntese que chamamos cristianismo, após séculos de acções e reacções. Originariamente, o cristianismo foi diverso e heterogéneo, era uma corrente de ideias, sentimentos, aspirações; de nenhum modo era uma entidade; estava carregado de escorias religiosas de todas as proveniências. Os protagonistas das ideias novas, os discipulos iam de lugar em lugar, semeando ao acaso da viagem as narrativas mil gressas, as sentenças, a doutrina; as narrativas passavam de boca em boca; organizavam-se as comunidades, aumentava o número das narrações, morriam os velhos que as tinham escutado, e as novas gerações sentiram a necessidade de escrever «as boas novas» referidas a seus pais e escreveram os «legenda», isto é, o que devia ser lido nas sinagogas novas, nas «igrejas», nos templos. Houve então uma multidão de evangelhos, de lendas, referindo as façanhas de Cristo, do cordeiro immaculado, do filho da Virgem e dos seus companheiros, os discipulos e os santos.

Depois, organiza-se o clero; levanta-se a hierarquia, o cristianismo unifica-se a ferro e fogo; matam-se os dissidentes, queimam-se os livros. Restam agora uns cincoenta evangelhos, em breve reduzidos a vinte, depois a quatro. Hierarquizando-se, tornou-se a Igreja uma força social e politica, aliada natural do despotismo romano que ela vai substituir dentro em pouco.

O Evangelho já não é senão um destróço; não é de modo algum de Marcos, de Lucas, de Mateus, de João; é do povo, é de todos e de ninguém.

Augusto Dide, em «La fin des religions», Emilio Bossi, no «Cristo nunca existiu», condensam tudo isso, sem falar de todos os teólogos, protestantes e modernistas, que no decorrer do século XIX reconheceram não haver outra conclusão a tirar da história dos documentos sacros.

Os Evangelhos não são obra dos apóstolos.

Pedro Guept.

SERMÕES AO AR LIVRE



Nos jornais portugueses que se occupam da nova tentativa contra-revolucionária dos monarquistas, encontram-se noticias curiosas, não inesperadas embora, sobre a attitude dos padres.

Numerosos sacerdotes do Cristo misericordioso foram enforcados ou cothidos com as armas na mão, combatendo contra a república, chefiando bandos de insurrectos, sublevando camponeses fanáticos. Um d'elles, fardado de official de Couceiro, acullou valentemente um sargento republicano. Outro lançou bombas num quartel, entoando o hino dos emigrados: Queremos Deus que é nosso rei... Outros ordenavam ou executavam assassinatos.

Ah! não repetirei as já banais considerações sobre o contraste entre a doutrina que elles atribuem ao seu Deus e os actos que elles praticam no mundo. Seria insipido. E depois, reflectindo bem se Deus tem cuidado, sem protesto, sem lançar mão dos seus poderosos recursos, que os seus representantes na Terra, venham há séculos exercendo contra os herejes e rebeldes todas as formas da violência, todos os processos de destruição e de morte, e porque realmente está de acôrdo.

Mas a dificuldade está precisamente aqui. Como é que o Deus omnipotente, que já queimou Sodoma e já queimou Gomorra, assiste impassivel e inerte à vergonhosa derrota dos seus servos, dos seus subditos, que declaram querê-lo e o proclamam rei ao som da dinamite? Como permite, o ingrato, que os seus ministros e fiéis recebam de mãos heréticas reverendas e tremendissimas sovas?

Oh! tenho imensa pena de não o conhecer, para, em face desse injustificavel procedimento, cortar agora relações com semelhante Deus!

Leno Vaz

Para moças

Na vitrina duma livraria católica de Paris, um nosso colega leu na capa de um livro: «Santas para moças, por Monsenhor Golo».

De modo que há santas que não são para moças.

Na opinião de Monsenhor Golo, parece que há santas... só para homens».

Imagine-se Santa Teresa, doente de erotismo místico...

CAUTÉRIOS

LXXIII
Oferece-se um padre português para capelão duma casa de familia. (Anúncio do Estado).

A occasião é propicia
Pra um capelão arranjar. Dou de graça esta noticia A quem possa interessar.

E' novo, novinho em folha O capelão candidato. Quem o achar faz boa escolha E o prego é mais que barato.

O cujo é pouco exigente! Bastam-lhe poucos viandas, E no mais, unicamente, Confessandas, confessandas...

Se o nosso caro leitor Quer já fazer o contrato, Pôde tratar, por favor, Com o Faustino do Orfanato.

Bruto da Silva.

Onde está Idalina?

A Idalina de Buenos Aires já se evaporou

Bem o diziamos: o boato ultimamente divulgado sobre o aparecimento da infeliz Idalina não passa duma nova intruço dos satiros do Orfanato.

Prometemos desmascara-los como já o temos feito até aqui e havemos de fazê-lo.

A última hora, já sem tempo serem publicadas neste número, recebemos duas cartas de Buenos Aires em resposta a que para lá escrevemos pedindo informações sobre a Idalina portenha.

Em Buenos Aires, na rua e casa indicada não existe nem nunca existiu Idalina alguma.

No próximo número daremos publicação a essas cartas.

Enquanto esperarmos a resposta de Portugal, continuaremos a perguntar aos santos de bordeis do Orfanato:

Onde está Idalina?

Refutação à sétima conferência do bonzo Júlio Maria

VI

Como dissemos ao terminar o nosso III artigo, não tencionavamos refutar a 3.ª e louca proposição do bonzo Júlio Maria — a igreja sempre respeitou a inviolabilidade da personalidade humana — depois de termos esmagado as outras duas anteriores. Mas como tal recusa, cuja causa era pouparmos tempo e espaço, poderia ser tomada por covardia da nossa parte por alguns católicos que nos lêsem, vamos hoje refutá-la.

*Tendo uma rígida ortodoxia e, ao mesmo tempo, velando pelo costumes dos fiéis, força era — diz Cantú — que a Igreja tivesse castigos para os atentados contra a sua fé e a sua moral... Mas esses castigos não podiam ser sino de natureza espiritual.

Quando a Igreja não podia compellir os seus membros a entrarem no bom caminho, lançava-os de si, excomungava-os, privando-os de direito de tomarem parte na cerimonia do culto, e ordenando aos fiéis que evitassem o seu contacto como se fossem pestíferos.* (1)

Este facto é confirmado por Bossi, que diz que, antes de ter-se aliado a Constantino, a Igreja já tinha empregado todas as armas contra os heréticos, menos a pena de morte, e isso porque o tempo e os poderes civis não o permitiam (2).

Porém, mais tarde, senhora já da casa por sua concubinação com Constantino (3), a Igreja desterra Ario e persegue e trucidou os seus adeptos; condena Donato e seus partidários, que são encarcerados e mortos em toda a parte; anatematiza Pelagio e seus discipulos, aos quais a Igreja dá caça como a animais ferozes; e Prisciliano, com mais alguns heréticos que lhe fazem companhia, são torturados e mortos em 384. (4).

E a Igreja sempre respeitou a inviolabilidade da personalidade humana...*

Que cinismo de bonzo Júlio!!! Mas o respeito da Igreja pela personalidade humana ainda não pára aqui: vai muito além como já vamos demonstrar.

Os imperadores romanos que succederam a Constantino e que todos foram influenciados pela Igreja, respeitaram muito... as avessas a inviolabilidade da personalidade humana; elles, os dilectissimos filhos da Igreja, seguiram em todo os conselhos da sua boa má. E senão, vejiam:

Em 365, Valentiniano e Valente ordenaram, sob pena de morte e confiscções de bem, que nenhum cristão fizesse guarda aos templos pagãos.

Em 380, mandou Theodosio que todos os povos abraçassem a religião cristã, e prohibiu todas as reuniões heréticas.

Em 386, decretoo Valentiniano que todo o que frequentasse reuniões arianas fosse morto.

Em 392, foi decretada a exclusão de todos os herejes aos privilégios concedidos aos católicos.

Em 398, novo decretoo estabeleceu a pena de morte aos herejes, e confiscção de seus bens e o incêndio de seus livros.

Em 407, a Igreja liberta o escravo que denuncia o seu herético senhor.

Em 408, a Igreja decreta o desterro contra todos os que dissentem o que ella afirma.

Em 410, ordenam-se suplicios contra os soldados não cristãos.

Em 415, novo decretoo da Igreja, ordenando a pena de morte contra os herejes que usassem reunirse.

Em 425, dec. eta se o exilio contra os que tratarem com heréticos.

Em 416, todos os pagãos são expulsos do exército e seus templos arrazados ou entregues aos padres para utilizar-se deles... E a Igreja sempre respeitou a inviolabilidade da personalidade humana! (5)

Bonzo sacripante e embusteiro!... Hipócrita, de que te serve o mentir?

E adverte que por falta absoluta de tempo e espaço não falamos doutras violências cometidas pela tua infame Igreja e seus crapulosos papas, como Damaso, que legolou por suas próprias mãos a 137 pessoas; e Júlio II, teu homónimo, que com as suas loucas emprézas guerreiras fez morrer 200.000 homens (6).

Sempre infame, violenta, ladra, perseguidora, sanguinária e prostituta, a Igreja, além de inquisidora, perversa e má, fez morrer... 9.000.000 de homens nas cruzadas, isto é, 6 milhões de católicos e 3 milhões de muçulmanos (7); aos judeus, que não se queriam converter ás suas embrutecedoras patranhas, mandou-lhes arrancar a pele do cráneo (8); permitiu o roubo com a condição de que os ladrões lhe dessem uma parte do mesmo (9); lançou impost. sobre os lupanares, que produziam ouro em abundância; e para corôr tudo isto encetou uma sanguinária perseguição aos bruxos feitiçeiros, endemoninhados e outros heréticos durante os séculos XVI e XVII, e dos quais calcinou uns 100.000 (10).

De que serve, pois, a gratuita afirmação do bonzo, e a que fica reduzida, em face dos testemunhos históricos irrecusáveis por nós citados, que provam tudo o contrário?

Os leitores que julguem.

Nós, porém, enquanto não tivermos, como prometemos, demonstrado que bonzo Júlio não passa dum vulgar charlatão e cratino dos tantos que o precederam, não nos daremos por satisfeitos. E é o que faremos no artigo próximo.

José Martins.

- (1) Hist. Univ., t. V, p. 469. (2) A Igreja e a Liberdade, p. 13. (3) Não há harmonia entre os historiadores que consultamos relativamente ao ano em que Constantino expediu o decreto em favor da seita católica. Assim, Montevede, (Manu. Enciclo., edic. de 1865, p. 50) diz que foi em 313; Mons. Daniel, um padre (Curs. de Hist. Univ., t. I, p. 239), afirma que em 313; mas Cantú (Obr. cit., t. V, p. 456), a quem julgamos melhor informado e, por isso mais digno de crédito, diz-nos que o decreto foi expedido no dia 1.º de março de 311. (4) Cantú, t. VI, p. 285. (5) Bossi, Obr. cit., cap. IV. (6) Lachâtre, Hist. dos Pappas, t. I, p. 127; C. Koseritz, Roma perante o século, p. 252. (7) Agustín Alvarez, História de las Instituciones Libres, p. 48; B. Aires, 1909. (8) T. de Castilha, Hist. de las Persecu. Religi. en Europa, t. I, p. 128; Barcelona, 1863. (9) Castilha, Obr. cit., t. II, p. 170; Barcelona, 1864. (10) Dickeson White, Hist. da Lut. entre a Ciencia e a Teologia, v. cap. XIV, p. 291; Lisboa, 1910. V. tambem Pompeyo Gener, La Muerte y el Diablo, t. II, cap. X, p. 239 e seg; Barcelona, 1907.



Secção amena

Modéstia dum cura. Um bispo dizia um dia a um certo cura, cuja freguesia era de poucos habitantes:

— Mereceste ser piloto de maior nau...

— Meu Deus — respondeu o cura — para que queria eu tanto? Contentava-me com a barca de S. Pedro.

Uma verdade. Raras vezes ella sai da boca dum padre; mais saty há pouco, numa igreja franceza, onde um prigrador disse o seguinte:

— As pequenas plantas humanas, o feis, tem necessidade do terreno adaptado e de sucos vitais para crescer e florir na moralidade e no bem. Procura, pois, a religião católica, amados irmãos! ella é o estremo (fumier) da sociedade. Pugi-lhe a boa para a verdade...

Um gracinho, vendo entrar um padre numa casa de tolerância, avistamos para um amigo:

— Veja como abençoou a Igreja e os padres! Já quem diga que os padres são inimigos da tolerância!



DA PORTA DE EUROPA

A nova incursão couteirista — O que ficou nas dobras dum capote abandonado, ou história duma busca em que há capotes — Como se desfaça uma tenda facilmente construida — Com que contavam os incursores? — As populações do campo e os padres que as exploram e as guiam ao matadouro — Carbonários, soldados, voluntários — Um deputado sui generis — O caracter da contra-revolução, sua tara irremediavel — Dificuldades com a Espanha? — A prudência dos portugueses e o provavel bom senso da Espanha oficial, não de todo segura em sua casa...

Lisboa, 15 DE JULHO

A hora em que escrevia a minha carta anterior, não me era ainda conhecida a incursão dos bandos rialistas da Galiza por terras portuguezas do Minho e de Trás-os-Montes. Mas a coisa era esperada, os boatos tinham aumentado de intensidade e o levantamento de algumas povoações rurais eram o sinal certo da investida.

E a aventura teve o desenlace previsto, parecendo que o próprio Couceiro, depois de se ter intrincheirado nestes ultimos dias a pequena distancia da fronteira, já se refugiou de novo nos braços amigos e hospitaleiros do clericalismo gallego.

O desastre da contra-revolução foi mesmo superior ás previsões optimistas. Paiva Couceiro, cujo prestigio militar, ganho em Africa sobre a pele nua dos pretos, fora ingenuamente magnificado pelos próprios republicanos, teve de retirar ingloriamente, deixando nas dobras do seu capote, abandonado da sua valentia e das suas qualidades guerreiras.

Ou plano previamente estudado e combinado, ou aviso de amigos, ou inspiração do momento em face dos movimentos do inimigo, Paiva Couceiro, tendo intentado ou simulado um ataque a Montalegre, precipitou-se sobre Chaves quando desta praça tinham partido em socorro daquela a melhor parte da guarnição, inclusive a artilharia.

O capitão monarquista surpreendeu, pois, o importante ponto, cuja tomada faria prolongar a luta, com uma guarnição muito reduzida. Tinha sobre ella a superioridade numerica e a superioridade do armamento, pois que da hospitalidade amiga da Espanha trouxera até canhões e metralhadoras.

E no entanto não ousou fazer uma avançada decisiva e irresistivel, dando tempo — meia duzia de horas — ao regresso das tropas partidas para Montalegre, que vieram transformar em fuga o que começava a ser derrota.

Em vez de confirmar o seu prestigio, exaltado pela imaginação tartarinesca de meridionais, o «grande capitão» permitiu que se engrandecesse o prestigio militar da República com proezas e actos de bravura que a imprensa canta em todos os tons, como o daquele clarim que foi ao próprio campo inimigo matar ou aprisionar atiradores incómodos, ou o dos dois soldados de cavalaria que trouxeram preso, a galope, sob as balas, durante dez quilómetros, o famoso fidalgo e official D. João de Almeida, sem que a espada deste fosse desembainhada por S. Miguel, como pedia o lema nela gravado, a par de outras imagens sagradas. Sim, não há dúvida: Couceiro deu um golpe de mestre... a favor da República.

Os mesmos que não desejavam nem esperavam a vitória do cabecilha manuclista, esses próprios tiveram um desengano «ora bolas!» de espanto e dardem. Com que contavam os monarquistas? Naturalmente com o levantamento de grande parte das populações rurais, e so que parece, com a complicitade de

RELIGIÃO

Vivendo da Treva, a Religião vive para a Treva. Não é outra a sua função no seio das sociedades. Ao lado do explorador, ella aconselha a submissão ao explorado, prometendo-lhe, em troca da sua humildade, os gosos eternos da vida celestial. Ao lado do chefe ella é a primeira a pregar o dever da obediência ao subordinado, ameaçando vota-lo, pela sua infracção, à colera de Deus, principio supremo da Autoridade. Os que exercem o Poder refletem a majestade inviolavel de Deus: os reis, por exemplo, são os seus eleitos dilectos. Reinam por graça de Deus.

Ante as violências e as infâmias dos grandes, o crente deve observar a mais rigorosa passividade. A rebeldia constitue um grave peccado, inexoravelmente punido pela justiça divina. Os que se revoltam, os que se erguem, denunciando as infâmias de que são victimas, quebrando as algemas ignominiosas do Dogma, ficam para sempre condenados ás penas horroscas do inferno. Esperu-os uma eternidade de suplicios pavorosos — porque o inferno, a grande inquisição de Deus, é ainda peor que a velha inquisição de Torquemada. Peor — porque é eterna. Ai dos pe-

cadores — isto é, dos que se revoltam! Ai de nós todos os que vimos pregando a insurreição entre os miseráveis; entre os que se atrofiam dia a dia, na fábrica e no campo, em beneficio dos senhores; entre os que, finalmente, nunca souberam, toda a sua vida, o que é bem-estar, alegria, felicidade!

O inferno do bom Deus lá nos espera — á falta do saudosso inferno de Torquemada...

A Religião abomina a Luz: é como as corujas. Porque é a Luz que diz ao esfomeado — come! Porque é a Luz que diz ao escravo — liberta-te! Porque é a Luz que diz ao ignorante — estuda! E são os esfomeados, os escravos e os ignorantes que mantem a Religião. A morte desta está na emancipação d'aqueles. No dia — glorioso dia! — em que todos os homens, pela força do seu braço, conquistarem o pão, a liberdade e a instrução que hoje lhes negam, não restará um altar sobre a Terra: a Humanidade estará livre da ignominia das igrejas. Deus, a Mentira arvorada em Dogma, o crime arvorado em Principio, terá caído emfim do seu trono milenario, desfeito para sempre pelo machado impiedoso da Revolução triunfante!

José Bacelar.

INFAMIAS DUM PADRE SATIRO

Novas proezas do padre Pedro Gomes Herédia — Diversas moças deploradas — Abortos — Um filho do padre devorado pelos porcos.

Os nossos leitores ainda devem estar lembrados do celeberrimo d. Pedro Gomes Herédia, o santíssimo homem que conseguiu reunir sob a sua seráfica carcassa todas as purezas da gente da igreja e que por isso mesmo foi obrigado a sair corrido de S. Sebastião dos Correntes, do municipio de Serro, em Minas. Pois cá o temos novamente, depois de diversas semanas de ausência.

Tambem, que diabo! precisamos — er algo cavaleiros para tom os nossos adversários, dando-lhes um pouco de treguas...

Foi o que fizemos, concedendo esse armistíciozinho ao nosso consagrado d. Herédia.

Se lhe damos cabo do canastro de uma vez, ficamos sem um precioso objecto de estudos fisico-psicológicos.

E, pois, de boa tactica retalhulo com cuidado, aos poucos, examinando-lhe bem toda a sua corroida fibratura.

E agora, que novas e preciosas noticias nos chegaram ás mãos pondo-nos ao corrente das suas já inúmeras batalhas morais, é a occasião mais azada para trazê-lo novamente ao nosso pelourinho e dependurar-lhe so tourinesco pescoço o sagrado rosário das suas boas accções.

Metamos, pois, sem mais tardança, mãos á obra.

O padre Herédia, como os leitores sabem, não é p'raí um marinho de primeira viagem, não senhores. E' já um velho traquejado campeão das conquistas donjuanescas.

As suas proezas começaram a ter a devida divulgação com a batida em retirada de S. S. dos Correntes.

Desta localidade foi d. Herédia obrigado a sair ás carreiras, em uma fresca madrugada do mês de novembro do ano passado, levando em sua companhia uma orla que lhe fôra confiada pela mãe moribunda e de quem elle fez seu amante.

Porque motivo d. Herédia deu ás de Vila Diogo de Correntes? Os leitores já foram informados a respeito. O homem foi mal sucedido em uma conquista e o escândalo tornou-se publico, como muitos outros até então abastados.

D. Herédia deplorou uma moça do lugar, que no dia do seu casamento foi obrigada pelo noivo a apontar o seu sedutor.

Soubese então de mil outras proezas, cada qual a mais berrante. Conheciam-se conquistas feitas á branca luz do luar, á palizana e com bigodes posticos; tornou-se tambem publica a compra por elle feita de uma porção das camizas que têm o nome da deusa da formosura e de proventos applicação nos conselhos neo-malinianos...

De muitas outras coizitas se viu a saber sobre d. Herédia; mas elle,

não se conformando com essa celebridade pouco cômoda, azulou para S. José dos Quilombos, localidade da vizinhança de Correntes.

Em Quilombos esteve até há pouco o nosso heroi cheio de saudades furor contra os malditos herejes que andam a difama-lo, a elle um puro, um immaculado ministro da Igreja...

Ha tempos constou que voltaria aquella localidade para fazer a festa de S. Sebastião...

Soubese tambem que com elle iriam em um andor as duas duzias daquelas célebres camizas que têm um nome sonoro, o bigode com que se distarçou certa noite para tomar a fresca... etc.

Mas isso não passou de uma terrivel ameaça, pois d. Herédia não se atreveu a apresentar a sua esrantonha em Correntes, apesar do pedido da irmandade local, que lhe escoreven chamando-o.

A esse convite da tal irmandade respondeu o rival de S. Faustino com uma carta cheia de desculpas futeis, de justificações injustificaveis.

Alegou d. Herédia que a «cavalão» do «arame» para festa tinha sido pouca, que a época era de chuvia, que a irmandade tem alguns «cádveres» e por isso não podia arranjar outros, etc., etc.

Por todos esses e mais motivos imperiosos que, digamos de passagem, nos anos anteriores o santo homem não apresentou, a festa deveria ser adiada. E para conseguir tal adiamento entrou em sua carta em considerações de direito criminal e canónico e não sabemos que mais...

Chamã tambem de «desforço pessoal» o acto de um seu colega de nome Agostinho, que lá esteve de passagem, ter marcado a festa sem o seu devido beneplácito.

Mas toda a gente viu logo onde estava o busillo. O incomparavel d. Juan de batina o que não queria era voltar naquella occasião á Correntes, pois ainda fervia a indignação contra a sua santidade... Com mais um mês de espera talvez ao rebanho voltasse o socego...

Infelizmente, para d. Herédia, o número das orelhas descarradas cresceu animadoramente, razão porque foi ficando lá por S. José dos Quilombos, pois para isso goza da protecção do bispo, como elle próprio diz neste trecho de sua carta:

«Todavia, se o exmo. sr. Bispo ordenar-me fazer a festa, a farei; mas, creio que elle, portador do grande criterio como é, e sabido dos últimos acontecimentos aí, não torça-me á a isso, uma vez que tem de mantido até então minha proclamação de não ir para esse lugar, mas grato os pedidos dirigidos a elle em contrario».

União dos Sindicatos e a Anarquia. Edição da «Brochura Social» de Lisboa. Eligente consocio de 16 paginas. Responde texto do conhecido fundador do sindicalismo revolucionario em França, FERRANDO PELLOUTIER. Preço 200 reis. Pedir a esta redacção.

Como se vê, d. Herédia tinha a certeza de que o bispo não o obrigaria a voltar a Correntes. E não se enganou em esperar isso do seu protector, pois dele recebeu uma carta aconselhando-o a arranjar uma paróquia bem distante de Correntes, onde não chegavam as noticias dos seus grandes feitos.

E foi por isso que o povo de Quilombos teve de suportar até ha pouco com essa peste ambulante. Julgámo-lo provavelmente os leitores que depois dos acontecimentos de S. Sebastião dos Correntes o padre Pedro Gomes Herédia tornou-se um homem morigerado, um sacerdote cumpridor dos seus deveres religiosos.

Puro engano. No limitado espaço de tempo que elle permaneceu em S. José dos Quilombos contam-se já um sem numero de victimas da sua irreprimivel concupiscencia.

Não lhe basta a orfã que, tendo sido entregue a sua guarda por uma mulher muribunda, elle tornou sua amante, fazendo-a abortar por meio de beberagens.

São tantos os crimes cometidos por este padre devasso, por este depravado de batina que em um só numero não os podemos relatar.

Esse infame sátiro de última escala, protegido escandalosamente pelos seus superiores da Companhia Internacional de Exploração e Corrupção dos Pobres de Espirito, já não se encontra mais em Quilombos, de onde disparou para Piedade de Minas Novas, deixando diversas moças deploradas.

Uma das suas victimas, uma moça de nome Virginia, provocou um aborto por meio dos seus preparos.

Essa pobre creatura tentou de-lazer-se do produto de suas relações com o padre d. Juan ocultando o corpinho fóra de casa, embaixo de umas tolheiras, onde os porcos o foram devorar.

Mas esta já vai longa, forçando-nos a deixar para o próximo numero a relação fiel de todas as infâmias cometidas pelo padre Herédia em Quilombos.

Entretanto não encerramos esta sem mais uma vez chamar a atenção do povo para o perigo que corre as suas mulheres, as suas filhas, as suas crianças postas em contacto com esses tipos repelentes que se dizem ministros de uma religião de exploração.

Que as igrejas sejam abandonadas, pois não passam de sujos bordéis, de perigosos focos de perversão moral e física.



APARIÇÃO DE UM MORTO

Maria do Céu, emissaria de almas penadas, burla uma viuva ingénua

Recortamos da República, de Lisboa, a narração seguinte:

A sra. Isabel Pires Cintra enviou-me ha dois meses.

Mal conformada ainda com a irreparavel perda, chorando amargamente a morte do marido, eis que lhe caiu em casa, na calçada da Bica Grande, 2º pateo, a sua vizinha Maria do Céu. Foi de lagrimas, comovente, talvez, a scena que entre ambas se passou. E, como desfilando um rosario, as duas mulheres passaram em revista as qualidades do falecido, que, no seu dizer, era uma alma bondosa e caritativa. Assim passaram largo tempo, não omitindo pormenor algum da vida do marido da sra. Isabel, até que, a certa altura, Maria do Céu começou a dar uns grandes soluços e uns ais muito afflicto. Assustada, a viuva inquiriu da sua amiga o que tinha, ao que ella, tapando os olhos, como querendo furtar-se a uma visão sinistra, respondeu: «Aí se soubesse... Isto mais fez intrigar a sra. Isabel Pires Cintra que, pondo de parte as lagrimas e ardores já em curiosidade, chegou a sua cadeira para mais perto da Maria do Céu, que continuava dando evidentes mostras de quem estava sofrendo atrocemente.

«Mas, por quem é, diga-me tudo que eu lhe saberei agradecer» — supplicou a viuva. Emfim, muito instada, a Maria do Céu resolveu-se a revelar o segredo. Era nem mais nem menos do que ter-lhe aparecido a alma do falecido, no seu quarto de cama; encarregando-a de ir procurar a mulher e pedir que lhe entregasse o fato dele, dando-o depois a um pobre.

A sra. Isabel não hesitou; correu a gaveta da commoda, e embulhando as peças do vestuario do marido, com o mesmo cuidado com que trataria uma preciosa reliquia, entregou-as a Maria do Céu, recomendo-lhe que fosse escrupulosa na escolha do protegido.

A emissaria de almas penadas deixou então a viuva entregue a consolação de ter cumprido o último desejo do marido e partiu a desempenhar-se da alta missão que lhe fora confiada.

Não está ainda averiguado se o fato foi parar a casa do adéu ou se de penhores.

Passaram-se dias sem que as duas vizinhas se vissem, quando Maria do Céu appareceu de novo em casa da sra. Isabel, contando-lhe que a alma do falecido voltára a apparecer exigindo-lhe que fosse pedir a viuva uma porção de azeite para cumprir certa promessa.

Desta vez, porém, a emissaria foi pior succedida, porquanto a sra. Isabel Pires Cintra, avisada, talvez, de que estava sendo burlada, negou-lhe o azeite e foi apresentar queixa a policia contra a sua vizinha.

Ora este caso é muito parecido com o que constitue o episodio central do Pecado de Simonia, a comédia do nosso colaborador Neno Vasco.

Digam agora que se trata de uma fantasia de comédia e não de um facto de vida real!

E infelizmente muito repetido, graças à ignorância e superstição populares, mantidas pelos padres e pelas religiões.

Capital e trabalho

Doenças, accidentes no trabalho e morte do proletariado — O que tem de nesses casos.

(Continuação)

Ano após ano, devido à força da falta de asseio, os bairros operários são batidos pelas epidemias, que larga colheita fazem entre os infelizes expostos a ellas.

Actualmente a variola infesta os bairros pobres desta capital e quão tristes e funestos são os seus resultados, no-lo prova o estabelecimento de postos vacinicos por toda a parte. E o mal recrudescer e vai se alastrando de um modo assustador, em virtude, exactamente, do estado de imundicia em que se encontra o meio em que se estende. A imunização tão necessária pela vacina não se faz, entretanto, como o devia ser, porque o operário, mal instruido como é, não comprehende a imperiosa necessidade da vacinação, reputando-a, antes pelo contrario, nociva e produtora de enfermidades. Assim, por vezes, temos ouvido dizer que,

depois de vacinada a criança, ella anda continuamente doente, levando êsses que assim dizem, à conta da vacina, molestias que, independente de qualquer intervenção preventiva, do mesmo modo se produziriam. E essa falsa ideia arraigada nêles, fa-los levar a convicção a outros, e assim, essa medida profilactica, ao invés de ser acolhida por todos, é furiosamente combatida, como aconteceu não há muito, no Rio, onde a obrigatoriedade da vacina quasi provocou uma revolução.

E como o alastrim, a colearina, a peste bubonica, as febres infectiosas, o escorbuto e outros horribes flagelos dizem-mam os bairros operários, todos nascidos na falta de asseio e na ignorância.

Infeliz e desgraçado operário sobre quem recaem todos os males, sobre cuja cabeça pesam todos os horrores e todas as desgraças!

E se, devido a todas essas causas, as epidemias se alastram e farta messe de victimas colhem, clama, como sempre, como uma candida e pudica vestal, a sociedade, contra a falta de asseio e ignorância das classes proletárias, ás quais attribuem todo o mal, esquecendo-se, como sempre, que a culpa é sua, unicamente sua, totalmente sua.

O operário faz parte da comunidade social e como membro dela, nela interfere como factor e, portanto, deve como tal ser considerado.

E' nessas occasiões criticas, quando a espada de Damocles está suspensa sobre toda uma população, que as autoridades e poderes competentes se lembram, forçadamente, dos operários e comprehendem que elles têm de ser considerados, obrigatoriamente, como êlos dessa grande cadeia, que é a sociedade. Só então comprehendem que toda a incúria se vingará, e por si só,

(S. Paulo).

R.



Monarquismo clerical

Eis um dos manifestos espalhados pelos monarchistas portugueses, indicando o caracter clerical das tentativas contra-revolucionárias:

«Aproxima-se a bem dita hora da nossa «Libertação»: o heroi e gloria de Portugal «Paiva Couceiro» prometeu e vai cumprir a sua de sempre honrada palavra: vai justar contas com estes saltadores de consciencias e da bolsa deste bom povo português.

Portugueses: uni-vos todos para, como um só homem, e ao lado desse que foi, e ha-de ser sempre a gloria de Portugal, esse que tantas pedras preciosas cravou na corôa de Portugal, esse invencivel homem que só soube ganhar victórias como a de Magui, Bihé, etc., correremos essa vil canchala que nos tem esmagado até à medula.

Portugueses: como um só homem estai a postos para a primeira voz (que não vem longe), dada por Paiva Couceiro, correremos essa escumalha infame, a cauda lamacenta da sociedade portugueza. E que são todos os individuos que ainda hoje defendem a horda da República.

Portugueses: Já não pôde haver ilusões; nada temos a esperar da gente da República a não ser mais perseguições, mais violencias e mais roubos; sim roubos, porque não queremos só roubar-nos a nossa propriedade com pesados encargos que lhe botarão e as nossas igrejas, com as suas alfaias, mas sim também a nossa fé de crentes da igreja católica apostolica romana.

Por isso: Abaixo a República! Viva a Religião Católica! Viva a Monarquia! Viva Paiva Couceiro! Viva Portugal!

Um amigo de Portugal.

Além disso, prometem uma vingança terrivel. E' de esperar dos seus sentimentos.

EM PORTUGAL

O que seria a restauração

PADRES E MAIS PADRES

E' curiosa a lista do ministerio, dos governadores civis, dos administradores do concelho organizada pelos conspiradores da Galiza para as primeiras entradas da restauração monarchica. O ministro da justiça e dos negocios ecclesiasticos seria um padre, naturalmente para melhor assegurar as antigas prerogativas da corôa em presença do poder papal. Dos cinco governadores civis, já escolhidos, dois eram padres. Padres eram quasi todos os administradores do concelho. A teem a monarchia manuelina que os dissidentes, de que era orgão O Dia, pretendiam integrar no numero dos governos liberais, abertamente emancipados da influencia reacionaria, como a monarchia inglesa ou a monarchia italiana! Portugal não seria, com o trono novamente erguido, nem sequer um reino. Seria uma sacristia, seria um convento. Ressuscitaria nêlo o antigo Paraguaí dos jesuitas. Era nisto que a monarchia brigantina viria a dar, se lhe não cortasse o caminho a revolução de outubro; era nisto que veria a dar se, por hipótese inadmissivel, fosse viavel a sua restauração. Os monarchicos encarregam-se por todas as fórmulas de justificar a proclamação e a existência da República, que sobreveio a um regimen de corrupção, como o dos adiantamentos, evitando um regimen de padralhada, como aquele com que nos procuram mimosear. Mercê da República, Portugal continua ao lado dos povos modernos, de consciencia emancipada, de futuro aberto a todas as reivindicações do progresso. A monarchia entregaria Portugal, atado de pés e mãos, a todos os poderes da reacção, a todas as ideias de retrocesso. Seria a cáfila negra, cobrindo o pais inteiro com a capa negra de Loyola, na impossibilidade de sinistramente o avermelhar com os clarões das fogueiras de Torquemada. Seria o eclipse da civilização. A horda de Roma reclama-se de uma religião cujo fundador dizia que o seu reino não era deste mundo. Não o seria para elle, mas pelo visto, para os que se reclamam da sua doutrina, o seu reino é o das administrações do concelho, cuja sede não está provado que se encontre nas regiões etéreas.

Mayor Garçon.

OS ENTERROS RELIGIOSOS

Sabemos como os clericais se gabam de ter recebido no seu seio, à hora da morte, a maior parte dos livres-pensadores illustres. A que manhas não recorreram elles para poder dizer que os scepticos receram a morte, convertendo-se no último instante? Vêem-se a cada passo, nas mãos dos católicos, brochuras referindo, com abundantes mentiras, a conversão de Littré, quando é incontestavel que, dois dias antes, a maior parte dos livres-pensadores illustres. A que manhas não recorreram elles para poder dizer que os scepticos receram a morte, convertendo-se no último instante? Vêem-se a cada passo, nas mãos dos católicos, brochuras referindo, com abundantes mentiras, a conversão de Littré, quando é incontestavel que, dois dias antes, a maior parte dos livres-pensadores illustres.

Obra de Deus

Os reacionários de Roma dizem que o triunfo dos católicos, na Belgica, foi obra de Deus. Sem a ajuda de Deus, o deus do poder, do dinheiro e da fraude, os católicos não poderiam ter alcançado o triunfo eleitoral. O mal, o grande perigo de fazer intervir Deus nas pejeas eleitorais, é ficar em cheque a sua omnipotencia quando as urnas não falarem em seu favor. O que os homens fazem de Deus! Até eabo eleitoral!...

Ordem papal

Um certo padre, cantor da capela do papa Innocencio XI, castrado como todos os cantores sócios desse tempo, pediu autorização para se casar, alegando que a operação que lhe tinham feito havia ficado muito imperfeita e que portanto se podia consorciar.

O papa não esteve lá com meias medidas e com a sua letra escreveu à margem do requerimento:

— E' preciso que o suplicante seja castrado outra vez!

deu a Cotter Morison. A Igreja comprehendia tão bem que essas pretensas conversões não passavam de hipócritas manigâncias, que não deixou, dizia-se que por falta de lugar, enterrar em Westminster (o panteão inglês) dois dos mais gloriosos escritores ingleses, Swinburne e Meredith, achando porém espaço para sepultar na abadia a mulher de um dos dignitários da Igreja.

Como diz o jornal Freethinker (Livre Pensador): «Assim como os abutres se repastam de cadáveres, assim a Igreja cristã engorda a sua reputação decrescente com a glória dos soldados mortos do exercito do progresso.»

Tomemos todas as precauções para que os nossos entes bem-amados não sejam presa desses abutres e para que sejam enterrados como viveram, como livres-pensadores materialistas, scepticos ou positivistas.

(La Libre Pensée).

(*) Também entre nós, sobre o cadáver de Julio Ribeiro, foi tentada uma burla semelhante pelo padre Senna Freitas, que assistiu intencionalmente aos últimos momentos do illustre escritor, apesar do manifesto desgosto do moribundo. Depois valeu-se, entre outras coisas, de um simples interjeição de dor soltada por Julio Ribeiro. O caso vem circumstanciadamente narrado e a burla pacientemente desfeita num volume recente em que o dr. Vicente de Carvalho reuniu alguns dos seus mais interessantes pedaços de prosa, sob o titulo geral de Pajinas soltas, volume I.

(Nota da Lanterna)

Lanterna Magica

Padrinho caloteiro

Segundo conta o Jornal de Penacora (Portugal), na igreja dum das freguezias daquelle concelho procedeu-se ao batismo dum ros. do pimpolho, com a solenidade exigida pelo ritual respectivo. A alturas tantas, o sacerdote pergunta ao padrinho se era casado e, tendo este respondido afirmativamente, indaga ainda se tinha casado civil ou catolicamente.

— Civilmente, respondeu de pronto o interrogado.

— Nesse caso não pode ser padrinho da criança...

— Não haja duvida. O pior é que a criança tem de ser batizada hoje e não há facilidade em encontrar outro padrinho, por toda a gente andar a ora na azáfama dos campos...

— Tudo se remedeia, diz o padre, conciliador. Está ali S. João, que nada tem que fazer e que da melhor vontade se prestará a apadrinhar a criatura.

— Pois seja assim.

E assim foi. Realizada a cerimonia, todos se preparam para sair, quando o padre pergunta:

— Então quem paga o batizado?

— Quem paga?! O padrinho, como é costume...

— Mas o padrinho...

— Foi o S. João. Peça-lhe o dinheiro, sr. prior, que elle tem obrigação de lhe pagar...

Calculem a cara de... esperto com que o padre ficou...

Obra de Deus

Os reacionários de Roma dizem que o triunfo dos católicos, na Belgica, foi obra de Deus. Sem a ajuda de Deus, o deus do poder, do dinheiro e da fraude, os católicos não poderiam ter alcançado o triunfo eleitoral. O mal, o grande perigo de fazer intervir Deus nas pejeas eleitorais, é ficar em cheque a sua omnipotencia quando as urnas não falarem em seu favor. O que os homens fazem de Deus! Até eabo eleitoral!...

Ordem papal

Um certo padre, cantor da capela do papa Innocencio XI, castrado como todos os cantores sócios desse tempo, pediu autorização para se casar, alegando que a operação que lhe tinham feito havia ficado muito imperfeita e que portanto se podia consorciar.

O papa não esteve lá com meias medidas e com a sua letra escreveu à margem do requerimento:

— E' preciso que o suplicante seja castrado outra vez!

"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em Sorocaba

O delicado vigário desta terra, tradicionalmente civilizada na opinião do Cruzeiro do Sul, pela voz dum seu reporter, apresentou-nos sábado, 27 do p. p. mês de julho, mais um pequeno «drama» da sua obra civilizada. O reverendissimo vigário de Cristo e dos santarões e beatos não menos seraficos que a da famosa jaticabeira do S. Leonardo de Bragança, após ter unido para a conservação da espécie humana com a sua inutil «benedição» do «casamento» ecclesiastico um par da alta elite jesuitica, mandou as fayas um casal de pobres diabos que também queriam unir-se com a sua santa «benedição», para que a reprodução da prole que pretendiam crear recebesse a graça de Deus por intermédio da simpatia do sagrado vigário.

Esses pobres diabos tiveram porém a desdita de ser pobres, e porisso como já o santo vigário se achasse fatigado de tanto benzer os que lhe encheram as algibeiras de «arames», recusou-se a unir com a sua benção esse casal de pobres de espirito que tencionavam entregar-se aos amores já naquela noite. O casamento civil só tinha valor perante a lei, mas perante a sua boa alminha só o do padre é que podia fazer-los felizes. Insistiram, pois, para que o santo vigário não lhes negasse a sua santissima benzedura naquela tarde, afim de poderem gozar tranquilos as primicias do casório.

O santo vigário, que não estava disposto a ouvir supplicas de pobres, em tom arrogante e cheio de insolência, disse-lhes que só no dia seguinte os poderia casar, e, sem mais nem menos, os foi empurrando para a rua, com berros de valentia e com ameaças de policia.

Um grupo de populares que assistiam a fita que o padre apresentava, protestou e tentou agir contra o padre. Este, porém, expulsou-os com a maior brutalidade, lançando-lhes nas faces quem mandava na igreja era elle e mais ninguém, e que a noite era feita só para confessar beatos e devotas de sua santidade padrecal, e cegos a fé do mito Cristo, que tudo vê e tudo cala...

Para que não seja confundido com os outros padres que aqui constituem uma epidemia desses parasitas que logram viver à custa das credencias do povo ignorante, o autor desta fita chama-se João Antonio da Costa Bueno, vigário de Cristo, já expulso de Itapetinga.

Emquanto os tolos protestam, eu aplaudo o seu procedimento e faço votos para que actos semelhantes a esse se reproduzam sempre contra esses tolos e bobos que vão à igreja.

Ida Moreno.

Em Jardinópolis

Dos dedicados companheiros do Circulo Francisco Ferrer, de Jardinópolis, recebemos a carta abaixo inserida, na qual expõem as justas razões da sua estranhiza sobre o inexplicavel procedimento de Eduardo Vassimon, que em tempos militou nas nossas fileiras.

Eis a carta:

«Circulo Anticlerical Francisco Ferrer.

Companheiro Edgard

Saudações.

Para dar por finda a nossa correspondência a respeito do cidadão Eduardo Vassimon e para evitar que todos os companheiros não supunham esta uma questão pessoal, os componentes do Circulo Libertario Francisco Ferrer deliberaram publicar os motivos que os induziram a tal desgosto, que são:

1.º — Por ter propositalmente ido ao banquete com o bispo, na sua viagem de especulação do crisma a Sarandi;

2.º — Por ter batizado catolicamente os próprios filhos, dando motivo de supor-se uma especulação;

3.º — Teremos mais a dizer que elle tem tido desde os primeiros dias de sua residência nesta cidade comunicação e relações de correspondência com todos os padres que aqui vieram infelicitar este lugar!

Não, chega. Torna-se muito desgostoso.

Por estas razões, que temos a certeza de constituirem um ultraje ao Livre Pensamento como ao Grande Martir do qual Vassimon foi em outro tempo um extremado defensor, estamos, portanto, no direito de sujeita-lo ao justo conceito de todos os bons companheiros, concluindo de uma vez para sempre.

Jardinópolis, 28 de julho de 1913.

Materia adiada

Bem a nosso contra-gosto somos obrigados a deixar de fira diversos artigos e noticias de actualidade, algumas das quais já annunciadas, como a que se refere ao escândalo de que foi teatro o Seminário de Botucatu.

TRADUÇÕES

PEREIRA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONCA PRÁTICA DE TRANSCRICOR INOUBR-SE, POR PREÇOS RAZONAVES, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DE INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TÉCNICO, SCIENTIFICO OU LITERÁRIO, SEM CUSTO PARA O ALUNO. VERNÔS BEMERADAS E ESCRITURAS. TRATA-SE DESTA SECCÃO.

"A LANTERNA" EM S. JOSÉ

Não era meu intento voltar de novo à imprensa para tratar dos velhos e verdicos factos que me determinaram acusar a religiosa administração municipal de S. José, da maneira generosa com que ela distribue os dinheiros públicos para auxiliar a manutenção de escolas parquias, muito menos fazer considerações sobre a individualidade particular deste ou daquele cidadão, que nada tem que ver com os seus actos de homem público.

Porém, «alguem», que se oculta sob pseudónimo de «Veritas», querendo simplesmente manifestar o seu profundo ódio contra o presidente do conselho municipal, sr. Carlos Knoll, a quem, como «Veritas» deve estar sciende, não eximi de qualquer cooperação na apresentação e aprovação do tal projecto jesuítico, veio com sua carta a esta folha, sob pretexto de restabelecer a verdade dos factos.

Veritas não pensou bem quando disse no começo da sua missiva que puzo a ler tantas inverdades, quanto, entretanto, é ele próprio que no final da mesma vem confirmar o ponto principal da questão a que me propuz combater: — protestar contra a concessão de subvenções a escolas parquias — dizendo Veritas que agna mole em pedra dura tanto dá até que fura, isto é, «que o sr. superintendente, contrariado» como os incontinentes peixinhos que logram passar nas rijas malhas da rede, de execução ao projecto que concede subvenção a essas escolas.

Já vê o sr. «Veritas» que não menti quando disse: — que o sr. superintendente tem a disposição dos frades os cofres municipais.

Caso seja verdadeiro o facto do sr. superintendente ter, por duas vezes, se oposto tenazmente à conversão do malfadado projecto em lei, o que faria crer na abjuração da sua fervorosa fé católica e a conversão a esta do protestante presidente do conselho, restaria ainda a s. a. o recurso do «voto».

Não pretendo com estas observações elevar a maior altura o sr. Carlos Knoll, muito menos abalar a consideração em que é tido o cidadão Manuel d'Oliveira Ramos.

S. José, Santa Cat., 12 — 7 — 1912. Um josefense.

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Grupo Editor da «A Verdade» — Na sede do Centro Cosmopolita, à rua do Senado, 117, realizou-se segunda-feira última a primeira assembleia geral deste grupo, ficando eleito por aclamação a comissão executiva composta pelos seguintes companheiros: J. C. Pimenta, redactor; Alfredo Rangel, secretario; José Prieto, tesoureiro; José Cabral, vogal, e bibliotecário, Guilherme Saraiva.

O companheiro Antonio Moreira, que representava a União dos Alfaiates, de que é o sr. secretario, fez uma feliz alocução, dissertando sobre a necessidade do jornal, e dos resultados benéficos para a propaganda sindicalista, dando o texto em que se acham as bases do mesmo grupo.

Falou também sobre a organização operária moderna, incitando os companheiros à solidariedade com todas as classes trabalhadoras, sendo no final entusiasticamente aplaudido. Foi

zeram uso da palavra outros companheiros.

Achavam-se representadas as seguintes associações de propaganda: Federação Operária, Liga Anticlerical, Sindicato dos Estudantes e Pedreiros, União dos Alfaiates e outras. A «Guerra Social» e «A Lanterna» foram representadas pelos companheiros Meyer e Cecilio Vilar.

Por motivos imperiosos não compareceu à reunião, afim de realizar uma conferência sobre assuntos sociais, o companheiro José Otitica.

Com a reaparição da «A Verdade» muito temos a esperar da classe dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bars, etc.

A festa da «Guerra Social» — Com grande proveito para a propaganda do ideal libertário, realizou-se sábado último a anunciada festa promovida em benefício do periódico libertário «A Guerra Social».

Apesar da chuva que caía, o elegante e espaçoso salão do Centro Cosmopolita abrigava uma grande concorrência na qual se destacavam muitas senhoras e senhoritas, dando-lhe um belo aspecto.

A sugestiva poesia — «O padre», de Elísio, recitada pela interessante menina Carolina Boni, que apenas conta 8 anos de idade, constituiu um verdadeiro successo.

A conferência do operário Cecilio Vilar — «O suplicio do povo», os hinos cantados pelos alunos da Escola n.º de Maio e por quasi todos os presentes, e monólogo dramático — «Anarquistas!», de Domingos Magarinos e a poesia — «A fomes» da poetisa socialista portuguesa Angelina Vidal, recitados pelo operário S. Barbosa e pelo companheiro Delim Rato, do grupo dramático da Fenix Caixaerial, mereceram francos applausos do auditorio.

O operário Candido Costa, numa vibrante alocução, dissertou sobre o ideal que ha-de emancipar a humanidade da iniquidade em que vive, pela má organização social, sendo, como o operário Demetrio Minhana, que leu uma poesia em hespanhol, bastante aplaudido.

Por diversas vezes, e acompanhada pela orquestra que acribantava a festa, foi cantada a bela «Marselhesa de fogo», do companheiro Neno Vasco, com a qual terminou a proveitosa velada de propaganda às 3 e 1/2 horas da madrugada de domingo.

Captou-se também a «Internacional». Em suma, mais uma vez, apesar dos latidos enraivecidos dos parasitas sociais, o ideal libertário foi propagado e aplaudido com o mesmo amor, com o mesmo entusiasmo de sempre.

A quermesse e a parte dançante correram animadas. Estiveram presentes os representantes das seguintes associações: Federação Operária, Liga Anticlerical, Fenix Caixaerial, Liga Federal dos E, em Padaria, Centro Cosmopolita e da maioria dos sindicatos operários federados e dos jornais «A Verdade» e «A Lanterna». — Angelo Vitor.

Bilhetes e recados

Salto Grande — G. L.: Fizemos agora a transferência da remessa p'raí, que por engano craftes para Rio Preto. Saudações.

Rincão — R. P.: Registámos o novo assinante que teve a bondade de nos indicar. Saudações.

Alto da Serra — F. A.: Fizemos

a modificação indicada e registámos o novo assinante. Saudações.

Florianópolis — C. E. M.: Recebemos o original. Saudações. S. Sebastião — J. A. de S.: Os postais já se acabaram. Remeteremos as listas das localidades mencionadas. Agradecemos pelo esforço que tem empregado em favor da Lanterna. Saudações.

S. Roque — C. N.: Recebemos os 558 das assinaturas dos srs: V. Z., A. J. M., A. N., G. P. e G. T. Modificámos a lista de accordo com as suas indicações. Remeteremos os recibos. Agradecemos. Saudações.

Belém — E. Guerra: Recebemos os 258 da assinatura e da venda. Escreveremos. Saudações aos companheiros.

Estação Basílio — J. Soares: Recebemos a carta que, porém, não trouxe os 118. Escreveremos. Saudações dos companheiros.

Jau — A. do C. M. S.: Recebemos o seu cartão. Está bem. Saudações. Rio — Adreca: A peça já aqui está. Saudações.

Sertãozinho — D. D.: Já se esgotou o livro de White. Breve, porém, receberemos outra remessa. Saudações.

Amparo — J. C.: Não temos aqui o livro que deseja. Vamos procurá-lo. Saudações.

Estação Basílio — A. de F.: O jornal foi logo remetido para o endereço mandado, assim como transmittimos o pedido ao jornal indicado. Saudações.

Ponta Grossa — Látigo: Recebemos sua carta. Remeteremos a lista e os talões. Também os que aqui trabalham encaram a propaganda pelo mesmo prisma. Saudações.

Caxambu — D. M. R.: — Já recebemos.

Jesus Cristo non è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milesbo (avv. Emilio Bossi): Gesù Cristo non è mai esistito.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 25000, spese postali in più.

Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, Caixa 1167 — S. Paulo.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Excusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60 — S. Paulo

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poetas e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 3500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3500 o exemplar. Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 3500. Pelo correio, 3500.

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa. Inserer retratos e biografias de escritores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos) Wagner, Edm. Goldman, Tchernichevsky, Rapsard, Guyan.

Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se numa redacção.

"A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda, nos seguintes pontos:

CAFE "CRITERIUM" largo do Rio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Bagueby, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quetada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prins.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Guarnario Bruno.

Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Av. da Mem. de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Mator.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carrelli.

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valência, Espanha.

Assinatura, ano, 50000.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

Coelho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionadas: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Hello Horizonte

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios

El Diable, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romano Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéiz.

Historia de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monja Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey Gerardo.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La Libertad de ensañanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.

Sonetos Pindaros, por varios.

Retratos de José Nakens, 15500 réis

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS

Vende-se um magnifico terreno medindo 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, fazendo esquina com a avenida do Canal. Trate-se nos dias ateis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

"A Lanterna" no Interior

É encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeiro Preto, na agencia do sr. José Helles, rua Amador Bueno, 4, n.º 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmao.

Em Campinas, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Em Florianópolis, com o sr. Valente Frinhas, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos srs. Pajnaba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilégiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente está se espalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor o sr. RAPHAEEL STAMATO

Filial, Rua da Alameda, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

"A Velhice do Padre Eterno"

Temos novamente a venda, a 25000 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

Poucos minutos depois, chegou João ao palácio. Pulsava-lhe o coração com violência. Tinham-no transtornado as misteriosas inquietações de Flor de Maio. Que sucedia? Que perigo entrevia a jovem que, com tão intenso terror, tão desesperado acento, lhe suplicara que fugissem?... Logo que entrou no palácio de Villancourt, correu ao seu encontro uma aia:

— Ah! sr. Cavaleiro... depressa... A sr. baronesa deseja falar-vos... já.

— Querida tia! — pensou João — quer saber o resultado da minha entrevista com Margarida... quer conhecer a nossa mutua felicidade... Ah! Em troca da alegria que nós dá, vou causar-lhe a dor da minha partida... Vamos!...

E penetrou nos aposentos da senhora de Villancourt.

A baronesa, sentada numa dessas cadeiras de balanço postas em moda pela Pompadour, esperava o Cavaleiro. Parecia agitada por uma mortal inquietação. Era uma mulher dos seus cinquenta anos, de fisionomia suave e velada de tristeza, com os cabelos já brancos. Desde a morte do marido — morte repentina, sucedida em poucos horas — a senhora de Villancourt só vivia para seu sobrinho, o Cavaleiro de La Barre. Adorava-o com todo o arrebatamento dum avô que viu successivamente cair á sua volta as grandes alicções da sua existencia.

Aquella coração, ferido por um luto sem termo, só tinha um termo affecto ao mundo: João, João era tudo para ella. Quando viu entrar o Cavaleiro, ergueu-se tomada de tremor convulso, e exclamou:

— Tu finalmente! Desgracada... que fizeste? João, estou tremendo! Porque te entregaste aos excessos? O Cavaleiro de La Barre, estupefacto, sem comprehender, olhava

para sua tia. Esta acrescentou com viveza febril:

O teu amigo d'Estallondes preveniu-me agora mesmo... Vinha pôr-se á tua disposição para te ajudar a fugir...

O Cavaleiro estremeceu. Fugir! Era a segunda vez que ouvia tal palavra. Sua tia repetia-lhe o que lhe dissera Flor de Maio, e dizia-lhe com o mesmo desespero e o mesmo terror.

— Oh! exclamou o Cavaleiro, sinto-me envolvido não sei em que trama espantosa... Falai, tia, explicai-me...

— Pois bem, disse a senhora de Villancourt desatando a soluçar, os agentes da senescalia procuram-te. Teem ordem de te prender, de te levar para a cadeia... onde devem... que horror!... applicar-te a tortura...

— A mim! a mim! exclamou o Cavaleiro.

— A ti, João, meu pobre João! És accusado de ter mutilado o Cristo que está á entrada da ponte...

— É falso!

— É's accusado de ter ficado coberto diante da procição...

— Isso é verdade... Mas mizeravel Geriaut inspiram e uma profunda repugnância... Porque o heidei cumprimentar, ainda que vá debaixo de pálio?

— Ah! estás perdido, João... Teus que fugir. Escuta... Já mandei preparar tudo; a berlinda esperada na porta de Balonha... Fugal, tudo o que é preciso... Anda, corre, vai... Trata de estar em S. Valerio ao amanhecer. O teu amigo d'Estallondes tomou a dianteira cavallo, para alugar uma embarcação. Irá para Inglaterra. Não te tornarei a ver talvez!... Oh! desgraçado!... Mas que importa? Custante que te salves!... Anda...

(Continúa)

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

M. Gorki, Os amassadores 2900

A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho 2900

H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario 1100

Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente 1800

B. Peres Galdós, Elisera, (drama anticlerical em 5 actos) 1800

Meza Botta, O Papa Negro 2900

Otaviano Reinekl, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 1800

Carlos Dias, Semeando para Colher 3100

Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora 2900

Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno 2900

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población 1100

Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia 1100

C. S. Darrow, Crimen y Criminalidade 1100

André Girard, Educación y Autoridad Paternal 1100

EM ITALIANO

Romanzo di un Donna, Angelo Longaretti 1500

Almanacco Libertario illustrato 1909 800

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine, 2900

L'Esprit de Révolte 2900

René Chagny, La Femme Sociale 1100

Jean Grave, L'attente pour l'action 2900

Elisde Reclus, A mon Frere le Puysson 2900

Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs 1100

Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne 2900

Elisde Reclus, Evolution e Révolution 2900

Urban Gobier, Aux Femmes 1100

E. Malatesta, Entre Puysson e M. Nettian, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière 1300

Marc Pierrot, Sur l'individualisme 2900

Louis Blanc, Queques Verités Economiques 1100

André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière 1100

Pedro Kropotkine, Le Salarial 1100

La Morale Anarchiste 2900

M. Pierrot, Travail et Surmenage 2900

Diretrot, Entretien d'un philosophe avec la marchande 1100

Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics 1100

Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique 1100

Les Temps Nouveaux, Contre la Guerre 2900

FOLHETIM DA LANTERNA (6)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

VI

O SONHO Á LUZ

DAS ESTRELAS

Enlacaram-se, já sem proferir palavra. E assim caminharam, á doce claridade da lua, por entre os arvãos e zozas que atapetavam a rua ainda e que pareciam ter sido por elles profusamente espalhados, para fazer ao seu amor e á sua ventura — uma alfombra — trina de flores e de perfuntes.

Caminhavam, retirando se e admirando se. Ela! Ah! pobre pequena! tudo lhe esquecera. O horrivel pedregal fugiu ante o radiante sonho, o sonho de felicidade ilimitada que a tornava ainda mais bella sob o fulgor diamantino das estrelas. E Griff, o canarrão dinamarquês, seguia-se passo a passo, atento, memorando a sua comprida cauda.

Não nada dinam. Que palavras poderiam traduzir a harmonia da sua ternura, a irradiação das suas almas e a infinita música do canto de amor que nelas soava? Caminhavam. E as suas frentes juvenis coravam-se com a gloriosa aureola de trauilo que entrez resplandecia ao fronte das divindades antigas.

De repente Griff soltou um rumor inquieto. O Cavaleiro estremeceu, arrebatado ao seu sonho. Notou então que tinham chegado á igreja

de Saint-Valtras. Griff rosou com mais força, arregaçando as bellas e mostrando os colmilhos. E Flor de Maio sentiu descer sobre o seu coração aquele frio mortal que, um momento antes, já sentira em presença de Geriaut. De novo se viu violentamente levada para a sinistra realidade de espanto e de horror.

— Ah!... balbuciou ella. O padre!... O padre!...

Griff ladrou furiosamente.

— Que é isso? minha adorada! exclamou o Cavaleiro. Empalideces, tremes... que succede?... — Aqui não... mais longe te direi... vamos... mais longe...

Ele levou-a nos braços meio morta. Ah! desgraçada! como a pagar caro aquelle minuto de aiegría, aquella suprema ventura de ter entrevisto como uma verdade o que nunca ouzara pensar!

— João!... Oh! João!... Uma desgraça, uma espantosa catástrofe!... pôde ella por fim articular por entre os seus dentes apertados pela angustia.

— Margarida... minha amada... volta a ti... suplico-to... Que horrivel visão te feriu?... Não ha desgraça em volta de nós... Perdo de ti está apenas o teu amigo, o teu cavaleiro, teu marido em breve...

Ella estreme